

**A INTERTEXTUALIDADE NA FORMAÇÃO  
DE UM LEITOR CRÍTICO**

*Carmen Elena das Chagas (UFF)*  
[carmenelena@bol.com.br](mailto:carmenelena@bol.com.br)

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS.**

O ensino da leitura, nas aulas de Língua Portuguesa, assume uma particular relevância, porque o aluno precisa ser preparado para se tornar o sujeito do ato de ler, ou seja, um leitor crítico. Para tanto, é necessário que ler se torne a capacidade de apreender a significação profunda dos textos com que o leitor se depara, preparando para reconstruir e para reinventar os textos.

Partindo dessa realidade, cabe ao professor a tarefa de despertar no aluno / leitor uma atitude crítica diante da realidade em que se encontra inserido, disponibilizando meios para “ler o mundo”. A princípio o seu mundo, mais depois, gradativamente, todos os mundos possíveis. Assim, nas aulas de leitura, é importante conscientizar o aluno da existência, em cada texto, de diversos níveis de significação. Isto é, cabe mostrar-lhe que além da significação explícita, há toda uma gama de significações implícitas, muito mais sutis, diretamente ligadas à intencionalidade do produtor.

Cada texto abre a perspectiva de uma multiplicidade de interpretações ou leituras, pois se as intenções do produtor podem ser as mais variadas não teria sentido a pretensão de atribuir ao texto apenas uma interpretação única e verdadeira. A interpretação de um texto consiste na apreensão de suas significações possíveis, as quais se representam nele por meio de marcas linguísticas. Essas marcas funcionam como pistas dadas ao leitor para permitir-lhe uma compreensão adequada. É preciso mostrar ao aluno / leitor que as pistas que lhe são apresentadas no texto tornam possíveis recriá-lo a partir de sua vivência, de seu conhecimento e de sua visão de mundo. Necessário é o aluno observar que cada nova leitura de um texto lhe permitirá desvendar novas significações, não percebidas nas leituras anteriores. Esse fato poderá, inclusive, servir-lhe de motivação, despertando maior prazer pela leitura ao perceber que, pela reconstrução

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

que ele mesmo faz do texto, acaba por recriá-lo, tornando-se o seu coautor.

Cabe notar que a leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um objetivo não é propriamente leitura. Quando se lê porque outra pessoa manda ler, como acontece normalmente na escola, está-se apenas exercendo atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e sentido. Essa leitura, de certa forma, desmotivada não conduz à aprendizagem.

Assim, desenvolvendo a sua competência de leitura, o aluno / leitor deixará de ser um elemento passivo e passará a participar como sujeito ativo do ato de ler não só nas aulas de leitura como também fora delas.

### **A FUNÇÃO DA INTERTEXTUALIDADE**

Todo olhar sobre um texto é um olhar estruturado, informado, sem o qual a obra seria imperceptível, não receptível. Não existem textos puros. Eles só existem em relação a outros textos anteriormente produzidos, seja em conformidade ou em oposição a um esquema textual preexistente, mas sempre em relação a eles. Só é legível o que já foi lido, aquilo que pode inscrever-se numa estrutura de entendimento, elaborada a partir de uma prática e de um reconhecimento de funcionamentos textuais adquiridos pelo contato com longas séries de textos.

Todo texto revela uma relação radical de seu interior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com as quais dialoga, que ele retoma ou aos quais se opõe. De acordo com Bakhtin:

O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como a anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos ... por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas. (Bakhtin, 1979, 191)

Um texto será legível por um lado, porque funciona segundo leis, esquemas, que já dispõe o leitor, porque o leitor lê desde sempre. Cada signo desencadeia uma lembrança e entra no quadro de

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

uma grande experiência e por outro lado, porque se dá como reescritura de outros textos, levando em conta a experiência anterior do leitor. Aprender a ler consistirá em saber estabilizar e estruturar as categorias interpretativas. É claro que quanto mais o leitor ler mais elementos de referência terá a sua disposição e maior ficará sua experiência intertextual, pois existem esquemas textuais suscetíveis de serem transferidos para outros domínios de leitura. Os novos textos sendo sistematicamente ligados a textos anteriormente lidos ou em sistemas semióticos não verbais dão ao leitor a experiência da leitura de textos.

O texto redistribui a língua. Uma das vias desta construção é permutar textos, farrapos de textos que existiram ou existem em volta do texto considerado e finalmente dentro dele, todo o texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em diversos níveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis (Barthes, 1974).

Afirma-se aqui a importância do fenômeno da intertextualidade como fator essencial da legibilidade de todos os outros textos, pois o texto não é mais considerado só nas suas relações com um referente extratextual, mas primeiro na relação estabelecida com outros textos.

A ativação do conhecimento prévio é essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Existem evidências experimentais que mostram com clareza que o que se lembra mais tarde, após leitura, são as inferências que são feitas durante a mesma.

Bakhtin diz que há relações entre textos e dentro dos textos. Isso significa que se deve diferenciar a intertextualidade da intratextualidade. Assim quando duas vozes são mostradas no interior do texto não se deve falar em intertextualidade.

Os textos podem ser classificados, também, levando-se em consideração o caráter da interação entre autor e leitor, pois o autor se propõe a fazer algo e quando essa intenção está materialmente presente no texto, através das marcas formais, o leitor se dispõe a executar, momentaneamente, a ideia do autor para depois aceitar, julgar ou rejeitar.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Assim, a intertextualidade deveria ser a denominação de um tipo composicional de dialogismo – aquele em que há no interior do texto o encontro de duas materialidades linguísticas de dois textos. Para que isso ocorra é necessário que um texto seja independente de outro que com ele sempre dialoga.

### **A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS.**

Os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade.

A riqueza e a seriedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (Bakhtin, 1979, P. 279).

Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades. Conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação.

Os gêneros são meios de apreender a realidade. Novos modos de ver e de conceituar a realidade implicam o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes. Simultaneamente, novos gêneros ocasionam novas maneiras de ver a realidade. Mesmo que alguém domine bem uma língua, sentirá dificuldade de participar de determinada esfera de comunicação se não tiver conhecimento do gênero que ela requer. A falta de domínio do gênero, leva a falta de vivência de determinadas atividades contextuais.

Bakhtin (*ibid.*) divide os gêneros em primários e secundários;

a- Os primários são os gêneros da vida cotidiana, são predominantemente, mas não exclusivamente, orais. Pertencem à comunicação verbal espontânea e têm relação direta com o contexto mais imediato.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

b- Os secundários pertencem à esfera da comunicação cultural mais elaborada, a jornalística, a jurídica, a religiosa, a política, a artística, etc. São preponderantemente, mas não unicamente, escritos.

Um texto pode passar de um gênero para outro quando for colocado em outro contexto, isto é, em outra esfera de atividade. Assim, existem gêneros mais flexíveis e outros mais estereotipados. Entre os mais criativos estão os da intimidade familiar ou da amizade e os da literatura. Entre os mais estereotipados estão alguns textos da vida cotidiana e da vida prática.

### **A LEITURA E AS PRÁTICAS INTERTEXTUAIS.**

O desenvolvimento de práticas intertextuais através de leitura parte de uma concepção da escrita que difere bastante das concepções de várias décadas atrás, devido à demanda cada vez maior e mais diversificada no uso da leitura e da escrita na vida social atualmente.

A sociedade, hoje, necessita de pessoas que possam continuar o processo de aprendizagem independentemente e, para que isso aconteça, o cidadão precisa saber ler com criticidade. Escrever e ler bilhetes e cartas, compreender uma notícia no jornal, entender uma explicação médica, preencher formulários, defender seus direitos de consumidor, desfrutar de um romance é saber reconhecer os objetivos que a sociedade impõe e requer. Assim, a função da escola é formar pessoas capazes de ler e interpretar variados textos.

A leitura é uma das maneiras que a escola tem de contribuir para a diminuição da injustiça social desde que se forneçam a todos as oportunidades para o acesso ao saber pertencente à sociedade. A principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimento. O elo para essas relações é o fio intertextual entre os fatos e conceitos que elaboramos e apreendemos, porque as relações entrecruzam-se, articulam-se em redes constituídas individual e socialmente e em permanente estado de atualização entre os gêneros textuais. As atividades intertextuais ajudam a desenvolver uma leitura mais profunda, pois expõem o aluno / leitor a vários tipos de eventos ou a diversas formas de ler textos afins, proporcionando uma ga-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

ma maior de informações que se transformam em conhecimento construído socialmente.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que foi apresentado neste trabalho, conclui-se que há a necessidade de se criar condições para que os leitores se encontrem numa relação de igualdade na qual suas pretensões a interpretações de textos possam ser confrontadas, justificadas e pertinentes às situações apresentadas. Isso implica criar condições para que todas as pessoas envolvidas numa situação de leitura exponham, confrontem e justifiquem suas diferentes interpretações, suas diferentes práticas e processos de leitura. Considerando que a ação comunicativa está indissociavelmente ligada à ação verbal e que toda ação se constrói apoiada sobre um determinado gênero de texto, pensar na constituição de um contexto para essa forma de agir, implica necessariamente em pensar de maneira intertextual, pois sempre que se fala ou se escreve, utilizam-se os gêneros textuais de acordo com a intenção comunicativa.

Dessa forma, os gêneros não só determinam as práticas comunicativas possíveis, mas são também o produto dessa prática. Na atividade intertextual, efetivamente realizada, pode ocorrer sempre ou um gênero determinado ou uma transformação. Essa transformação pode ocorrer através da combinação de vários tipos de gêneros, pela introdução do estilo de um gênero em outro ou pelo empréstimo de um gênero próprio de uma determinada situação. Essa atividade proporciona uma variedade de informação e de possibilidades de leitura de forma a criar um leitor mais participativo e crítico, capaz de se integrar no ambiente dinâmico e eficaz que a sociedade requer.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979

BARTHES, R. *Le linguistique discours*. Texte, Encyclopaedia Universalis. La Haye: Mouton, 1974

***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 11ª edição. Campinas: Pontes, 2008

KOCH, I. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007

———. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2006

MACHADO, A. R. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998